



PARASITISMO POR MOSCAS DO GÊNERO PHILORNIS SP. EM AVES

IV Wildlife Clinic Congress, 1ª edição, de 29/06/2023 a 30/06/2023
ISBN dos Anais: 978-65-5465-034-2

JUNIOR; Roberto Gumieiro¹, MARINS-OLIVEIRA; Mayara², CHAVES; Isis Cleópatra Coelho Chaves³, SILVA; Lorena Eduarda Feitosa Ferrarezi da Silva⁴, HERECK; Ana Beatriz Braga Hereck⁵, VIEIRA; Fernanda de Paula Roldi⁶

RESUMO

A interação entre parasitos e seus hospedeiros constitui uma importante relação pela qual é exercida uma pressão seletiva sobre as populações, a fim de se estabelecer um equilíbrio, sendo que o verdadeiro impacto disso é influenciado diretamente por uma série de fatores, como a transmissão e virulência do parasita e a resistência do hospedeiro. Em aves, o gênero *Philornis* se destaca por seu impacto na reprodução de espécies, uma vez que suas larvas parasitam o tecido subcutâneo de filhotes em ninhos. Este gênero compõe cerca de 50 espécies, nativas das Américas do Sul e Central, que também foram acidentalmente introduzidas nas Ilhas Galápagos, onde são uma importante ameaça à extinção de espécies endêmicas. Embora os insetos adultos possuam o hábito de se alimentar de frutos e néctar, as larvas são semi-hematófagas, alojando-se entre a pele e musculatura dos hospedeiros. Após a cópula, a fêmea ovipõe na superfície do ninho ou diretamente sobre os filhotes, inclusive dentro das aberturas nasais, e após um ou dois dias os ovos eclodem. As larvas de primeiro, segundo e terceiro estágio migram para a base do ninho onde permanecem escondidas durante o dia, e pela noite emergem para se alimentar nos filhotes. Após sete dias formam-se as pupas no fundo do ninho e estas dão origem aos indivíduos adultos após aproximadamente 14 dias. Há relatos de parasitismo em centenas de espécies, sendo a ordem dos passeriformes a mais afetada. A hipótese para filhotes serem mais acometidos se dá pela maior área aptérica dos mesmos, bem como vulnerabilidade e pouca mobilidade ou capacidade de fugir dos parasitos dentro dos ninhos, principalmente se tratando de filhotes altriciais. Aves adultas também podem ser parasitadas, sendo mais comum em fêmeas

¹ Universidade Estadual de Maringá, rgumieirojunior@gmail.com

² Universidade Estadual de Maringá, marins.may@gmail.com

³ Universidade Estadual de Maringá, Isis.chaves3@gmail.com

⁴ Universidade Estadual de Maringá, LorenafeitosaFerrarezi@gmail.com

⁵ Universidade Estadual de Maringá, anabeatrizbraga14@gmail.com

⁶ Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Estadual de Maringá, Campus Umuarama-PR, fernandaroldi@hotmail.com

por passarem mais tempo no ninho. Em geral, no tratamento de miíases em aves, é recomendada a remoção mecânica das larvas com uso de pinça, sendo um processo estressante, traumático e doloroso que é melhor executado com o animal anestesiado. Porém, em intensas infestações há relatos do uso de nitenpiram, um inseticida neonicotinoide de primeira geração que possui ação bloqueadora dos receptores de acetilcolina pós sinápticos, provocando paralisia e morte do parasito. O princípio ativo pode ser instilado diretamente sobre as lesões ou administrado por via oral. Os impactos em aves variam com o tamanho da ninhada, característica estrutural do ninho, comportamento social e massa corporal do hospedeiro, provocando um efeito negativo no crescimento e sobrevivência de filhotes parasitados, através da anemia, aumentando significativamente a taxa de mortalidade. Além disso, climas quentes e úmidos favorecem a proliferação das moscas, o que é preocupante em cenários futuros de mudanças climáticas em algumas regiões. Posto isso, há uma necessidade de se compreender melhor as relações desses dípteros com aves de variados grupos, habitats e climas, em todas as fases de vida, para que assim se possa desenvolver medidas eficazes de controle e garantir a proteção de espécies de interesse para a conservação.

PALAVRAS-CHAVE: Miíase, Nitenpiram, Parasitologia, Pássaros

¹ Universidade Estadual de Maringá, rgumieirojunior@gmail.com

² Universidade Estadual de Maringá, marins.may@gmail.com

³ Universidade Estadual de Maringá, lsis.chaves3@gmail.com

⁴ Universidade Estadual de Maringá, Lorenafeitosaferrarezi@gmail.com

⁵ Universidade Estadual de Maringá, anabeatrizbraga14@gmail.com

⁶ Departamento de Medicina Veterinária, Universidade Estadual de Maringá, Campus Umuarama-PR, fernandaroldi@hotmail.com